

# MINHA VIDA CONFUNDE-SE COM A VIDA DA MARRABEN

— afirma Dilon Ndjindji, músico por vocação, agricultor hereditário e um apix político, no "contra-ataque" a Lisboa Matavele

por Moisés Mabunda (texto) e Armando Mungambe (fotos)

**D**ILON Ndjindji. O grande precursor da marrabenta, ao lado uns outros, muito poucos. O homem que se tornou bastante conhecido no meio musical nacional, e não só, através da marrabenta. Chegando mesmo a ser chamado e ele ainda se chama, de REI-DA-MARRABENTA. É um homem escuro, nem alto nem baixo. Forte, com uma vivacidade e um vigor de causar inveja. Em 31 de Dezembro de 1927, veio ao mundo. A música ofereceu 49 anos. É casado com Alice Macana, com quem tem seis filhos. Todos sabem dançar marrabenta. É homem de boa inteligência e memória. Para esta longa entrevista que nos deu não precisou de tempo algum para se preparar, mas não fez sequer a menor confusão, o tanto de expressão, como de datas. Sempre vibrante e emotivo quando fala, em certas vezes a musicalidade da sua voz confunde-se com o momento em que está no palco. Gestos constantes e sugestivos, acompanhados por um olhar firme. Não gosta de ser interrompido: concluir a ideia.

Diga-se simplesmente: é um homem simples. Que gosta de enfrentar as coisas, os opositores. Cara-a-cara. Porém, parece, concomitantemente, de uma ideologia difícil: é agricultor, profissão que aparece hereditariamente, ele assume-a como a segunda. É músico e é assim que ele se define. Mas é um homem que tem paixão pela política: **SOU POLÍTICO. UM MÚSICO DEVE SER POLÍTICO.** Questão de gostos.

Durante as cinco horas desta entrevista, pouco foi o tempo em que esteve calmo. Parecendo estar a reviver uma época, saudosamente, sempre se emocionou e se exaltou. Outro aspecto não menos curioso, neste homem de 62 anos é que, para as mais de trinta perguntas que lhe dirigimos, não precisou de um minuto para tomar balanço. Que capacidade de resposta, de leitura à memória! E no fim da entrevista, diz-nos: «Estou satisfeito. Aí tem registada a minha vida. Todas as outras entrevistas que dei até aqui, são partes desta... aí está toda a minha vida...»

A manhã vai já longa. É um dia de muito sol. A pacata vila de Marracuene eva uma vida normal. Eu e o meu colega acabamos de chegar a este distrito, levados por um «Chapa 500». Nosso objetivo é a conversar com Dilon Ndjindji, tendo como o «re» da marrabenta. O propósito é a vida dele e sobre as afirmações de Lisboa Matavele: «Eu é que inventei a marrabenta». Chegámos à Direcção Distrital de Agricultura, onde Dilon Ndjindji tem instalado o seu gabinete como presidente da União das Cooperativas de Marracuene. A nossa sorte é grande. Encontramo-lo no pátio e mal soube de quem se tratava remata: «Eu estava para ir ao vesso jornal. Já na segunda-feira (a entrevista) numa quarta-feira) para desmentir o que Lisboa Matavele vos disse». Depois de uma breve pausa, secundada por um silêncio atira: «Eu já disse que sou o «rei» e inventor da marrabenta, agora de onde é que vem esse que diz ser ele o inventor daquilo, que eu inventei». Todos sorriam.

Dissimos-lhe ao que fomos e sem mediar sequer um segundo, aceita a entrevista. Porém, pedimos que aguardemos algum tempo para arumar o seu gabinete. Não passavam ainda cinco minutos, volta e diz estar pronto para a conversa. Pedimos-lhe para que a entrevista tivesse lugar em casa dele. Com grande amabilidade aceita. Leva-nos de volta para lá. No interior de a há, entre outras coisas, o jornal onde foi publicada a entrevista com Lisboa Matavele.

Sem que lhe fosse d'rigida uma pergunta comenta, apontando para

o jornal: «No dia em que li isto, não jantei. O Lisboa está a brincar com coisas sérias». Num silêncio tal que serviu de estudo mútuo, chegámos à casa de Dilon Ndjindji. Convida-nos para uma sombra m'sta, de mangueira e de cajueiro. A frescura é extraordinária. E é aí onde decorreram as cinco horas de duração da entrevista. Convidamos a sentar. Um quatro pessoas chegam onde estamos e sentam-se também. Assistiram até ao fim ao decorrer da entrevista.

Depois de uma breve conversa para todos, Dilon Ndjindji, fingindo ser calma calma se, como quem diz, es'ou pronto. E nós percebemos. Peça-lhe para nos falar da história da sua vida artística.

— Lembro-me de tudo, — diz a in'car. Ndjindji conta que o último filho do seu avô, António X'come-la Ndjindji, tinha uma viola e gostava muito dele, por ser muito brincalhão. António era amigo de Xavier dos Santos Fumo, trabalhador dos Caminhos de Ferro, que também tocava viola. Os dois eram frequentadores do Clube de Marracuene. Ambos dançavam e muitas vezes levavam no consigo. Isso foi nos anos 1938/9.

Porque sempre que precisasse de viola para ir tocar com os seus amigos os t'os não lha ced'am, decidiu fazer uma viola com uma lata de azeite e meteu-se a tocar com os amigos. Foi o começo das violas de lata em todo o Marracuene. Dantes não havia, — afirma seguramente.

Um dia, um outro amigo dos t'os, Mendos Mapartida, leva-o e vai apresentá-lo no Clube de Mar-

racuene, como um m'údo que faz coisas milagrosas com a viola. Deram-lhe uma guitarra. Ndjindji afirma que, apesar de ter sido

orador. Desde que lhe fizemos a primeira pergunta, não parece disposto a ser interrompido.

Diz que é natural que qualquer jovem tenha um vício. O dele era o das mulheres. Gostava tanto de mulheres. E naqueles tempos havia muitas meninas vivgens. E quando eu conquistasse uma menina e ela negasse, eu dizia-lhe: «Hambi u ya' u ta nitiva mina, hi mina marrabenta» (mesmo que me negues há de me conhecer, sou marrabenta) e no meio da camada juvenil passou a ser tratado por marrabenta. Tempos depois, começam a dar aquilo que eu dançava o nome de marrabenta, — afirma, fitando-me com acutlância e diz: Percebes? E assim surgiu a marrabenta, d'spara em concusão.

Mas, diz ainda, em 1948 avançou para a África do Sul e vai trabalhar nas minas. Quando em 1951 volta, trazendo já uma viola, continua com a sua marrabenta. Porém, reconhece que o movimento era muito fraco: O nome era este, marrabenta, marrabenta, mas o movimento ainda era muito fraco.

Entretanto, no mesmo ano volta para a África do Sul e lá os seus amigos convidam-o a tocar marrabenta. Fiquei muito tempo na África do Sul, mas não conheço nenhum ritmo de lá. Tocava só mar-

nha d'z ao Dabula que tem um tio que dança melhor que Fany.

— Samuel Dabu'a não acreditou e mandou-me chamar. Não fui. No ano seguinte, de novo me manda chamar. Fui ter com ele e propôs-me que lizesse uma experiência. Na altura eu já tinha um grupinho: L'si Fumo, irmã, Chaora Mulima, cunhada, Caclida Fumo, madrinha, Alice Macanana, esposa. Este é que era o «Estrela de Marracuene». Existia há um bom tempo, só que não era conhecido.

A primeira música foi «A kwini Virginia» (onde está Virginia), a segunda foi «Jul'eta Tembe» e mais outros. A experiência agradou a Dabula e foi convidado a gravar. Ndjindji adianta que logo que a sua música foi posta no ar, teve uma fama extraordinária. «Até esqueceram do Fany Mpfumo», arrisca, acrescentando que recebeu muitas cartas de amigos a felicitarem-no.

O chamado rei da marrabenta recorda, com uma emoção ainda maior, o dia da primeira apresentação pública: Tratava-se de um pequeno festival. Estava o «Estrela de Marracuene e o «Djambô», no Indo-Português. Fui o último a tocar. Não toquei até ao fim, fui alejado. Eu tocava sentado e após uma música, as pessoas começaram a lançar moedas para o palco e uma veio bater-me no olho. Não continuei, estava muito mal.

Em 1967 faz uma excursão à Max'xe e actua em Morrumbene. As pessoas de lá nunca tinham ouvido e visto marrabenta. No último espectáculo, pediram para que repetíssemos, só que já não dava tempo e voltamos.

Dilon Ndjindji foi trabalhar num escritório na Consig'eri Pedrosa em 1970, como dactilógrafo, abandonando temporariamente o palco. Mas, três anos depois, deixou o emprego para ficar em casa, pois viu que os espectáculos rendiam mais do que ser funcionário.

## O CONTACTO COM LOURENÇO MARQUES

No mesmo ano, Ricardo Barros, dono do Folclore, através de Samuel Dabula, contrata Dilon Ndjindji para a música privada. No dia da inauguração do Folclore, Ndjindji actuou sozinho mas, mais tarde, para o mesmo Folclore, é contratado o Fany Mpfumo. No entanto, desavenças com este último, levam Dilon a abandonar o Folclore.

— Deixei e fui trabalhar na discoteca Solidó, no Jardim, como angariador de músicos para gravações. Trabalhei lá até 1972, quando o meu patrão foi para Lisboa. Depois comecei a tocar muito irregularmente. E em 1977 deixei definitivamente de tocar... e só recomencei o ano passado.

Ndjindji conta que deixou de tocar porque, como no futebol, tudo tem o seu tempo e queria garantir o futuro dos filhos. E pensou em abrir uma machamba. Como na altura não era fácil, formei uma cooperativa, a Cooperativa Agrícola Popular.

## PORÉM O DIVÓRCIO NÃO DURA

— Nestes dez anos, estava a tentar abandonar a música, mas não consegui. As pessoas e o meu próprio coração exigiram-me que continuasse. Quando Sam Manguana visitou Marracuene, eu chorei, porque nessa altura eu não cantava. E agora, eu bem gostaria de ir actuar onde quer que esteja ele. Foi uma grande honra ter gravado uma música em nome do meu distrito. Meu gosto é ir actuar no Zaire e sei que Sam Manguana iria ter comigo.

Sublinhou que durante estes dez anos, a ausência do palco foi de dia para dia mais triste para ele. Não posso esquecer a música, goz-lo da música, posso assumir quan-



O conjunto «Estrela de Marracuene», cantando, em 1973, no Folclore. Da esquerda para a direita: Elina Fumo, Rebeca Massinga, Lizi Fumo, Lídia e Alice Macana

demasiado grande para ele, conseguiu que todos os presentes o aplaudissem. Um outro dia em 1939, na chegada do Presidente da República Portuguesa, Carmona a Marracuene, desfilados todos os seus colegas, alunos, o seu professor, António Nazaré, apresentou-o ao Presidente da Câmara, como um grande dançarino da música tradicional.

— Interpretar o H'no Nacional de Portugal e o Presidente da Câmara ofereceu-me cem escudos, — afirma emocionado.

Em 1942, Dilon Ndjindji é transferido para a Escola do Covóar (hoje Centro de Maxaquene), para continuar com os estudos, passando a ir a casa de vez em quando.

Em 1944 é convidado para uma festa em Malhavana, na localidade de Michafutene. O convite foi mais para ouvir o meu ritmo. O que se tocava lá era «xiromana» e eu tocava «samba», conta.

Dentro do «xiromana», segundo e'e, havia uma variedade de danças. Eis que ele abandona o «samba» e inventa a sua própria forma de dançar o «xiromana». No ano seguinte é de novo convidado para Malhavana. Ainda se dançava a mesma dança.

A pouco e pouco, o nosso entrevistado vai se revelando um bom

marrabenta, em qualquer ambiente.

Nesse mesmo ano, encontra-se com Armando Mabunda e este integra-se na marrabenta, conta Dilon Ndjindji, sem se mostrar hesitante. Boa memória a de e quanto à fixação de datas.

Em 1954 volta. E cá, juntamente com uma malta de amigos, Armando Makandza, Jorge Chivindzi, Lázaro Pondja, Limina Massumbe, Savula Dzimba, recomeça a marrabenta. Estes elementos não formavam um conjunto verdadeiramente. Apenas se deslocavam com Dilon Ndjindji para onde quer que fosse, aplaudiam-no e até o ajudavam a dançar.

Em 1960 volta para a África do Sul e vai trabalhar desta vez para a «Lisen Mine» e encontra-se com Mahecuane e com Alberto Langa e e'es convidam-no a ir à sua tarefa para, juntamente com o Fany Mpfumo, tocar e gravar algumas músicas. Não fui, não estava interessado. E em 1962 volta definitivamente para Mocimboque.

Em 1963 tinha uma sobrinha a estudar no Centro Associativo dos Negros e o professor era Samuel Dabula. Quando na «Ho'ra Nativa», num programa do então Rádio Clube, se anuncia que Fany Mpfumo ganhou um prémio de melhor cantor de marrabenta, eis que a sobri-



Ensaiaando marrabenta com Raul Baza (ao centro)